

Agentic-native Redesigning Corporate Value Streams Workflows

A essência da transformação com IA está em estabelecer uma nova arquitetura de criação de valor para a organização e em fazer com que a liderança compreenda que adotar IA é um ato de autodisrupção.

São poucas as organizações que realmente estão reconstruindo a forma como o trabalho é realizado em torno de agentes de IA. Redesenhando os fluxos de trabalho de ponta a ponta para que os agentes sejam responsáveis por resultados reais, e não apenas por tarefas. Ou seja, estão indo além da economia de custos e horas de trabalho, passando a considerar **novas métricas como receita por funcionário/agente**, percentual de participação das pessoas no fluxo de trabalho com agentes, velocidade de concepção – da ideia ao experimento de mercado, e o novo valor líquido criado.

A diferença está em como as organizações tratam a IA, como ferramentas e projetos-piloto, ou tratam a IA como um novo sistema operacional para os negócios. Refazer os processos baseado no comportamento legado é um grande desperdício. A pergunta que devemos fazer é: Se começássemos esta empresa hoje, com IA, agentes e dados como elementos centrais, como a projetaríamos seus fluxos de trabalho?

Naturalmente, alguns desafios surgem nessa transformação; um bem prático é as opções de desenhar os novos fluxos, colocando a AI como orquestradora principal ou estabelecer um workflow como linha central das atividades e os agentes sendo ativados em nós do workflow.

Depende do nível de autonomia que se deseja para o sistema, ou do grau de previsibilidade necessário. Usando, por exemplo, um workflow no N8N, pode-se chamar a IA apenas para tarefas específicas, o que é ideal para processos críticos. Já, ao ter um agente de IA como orquestrador, que decide as ações a serem executadas e em que ordem, pode-se deixar o workflow N8N para o executor de tarefas específicas, mas, nesse caso, a autonomia da dinâmica das ações pode levar à alucinação da IA, o que exigiria um agente de IA muito bem desenhado. Talvez o ideal seja o híbrido, o workflow N8N define o macrofluxo (gatilhos, limites, checkpoints etc.) e a IA decide microações dentro de cada etapa. Neste caso, teria mais controle sobre a situação.

De dentro do workflow, pode-se chamar os modelos LLM via APIs e integrá-los a frameworks de agentes, como o LangChain. Esse é um mecanismo poderoso para construir fluxos de trabalho com inteligência e autonomia, alcançando um bom nível de tomada de decisão, ou seja, criando workflows dinâmicos e adaptativos.

Sem dúvidas de que as atividades terão grande parte sendo executada de forma autônoma com o apoio dos agentes IA, mas o desafio atual está em criar novos fluxos de valor que já consideram esse nível de autonomia de decisão e reposicionam a participação das pessoas em outros serviços dessa cadeia de relacionamento. Esse novo jogo está veemente nas organizações de alta performance. Talvez esse seja um dos motivos para a descontinuidade do MS Project pela Microsoft; certamente, essa não foi uma decisão aleatória. Considerando que um projeto tem, em sua essência, uma sequência de processos e atividades, será fortemente impactado.

Exercitando a imaginação, poderíamos visualizar como uma transformação possível nos projetos tornarem-se uma biblioteca de microsserviços em que muitos deles seriam executados de forma autônoma, outros tantos de forma automática como triggers de uma iniciativa/ação, e ainda uma outra boa parte seriam serviços de revisão por pessoas, cocriação e análises subjetivas, fazendo o “cleaning” dos outputs.

Muitas emoções por virem!

Zózimo De Souza Jr.
editor-chefe

PROJECT DESIGN PDM MANAGEMENT

Editor-Chefe & Publisher
Osmar Zózimo De Souza Jr.
zozimo@mundopm.com.br

projectdesignmanagement.com.br

CONSELHO EDITORIAL

Americo Pinto
Antônio C. A. Maximiano
Bernard Yannou
Daniel Leroy
Darci Santos do Prado
Darli Rodrigues Vieira
Eduardo Linhares Qualharini
Heitor Coutinho
Henrique Rozenfeld
Marly Monteiro de Carvalho
Ricardo Viana Vargas
Roberto Sbragia
Sérgio E. Gouvêa da Costa
Roque Rabechini Jr.

AUTORES DESTA EDIÇÃO

Andreia Leles
Aline Marcondes
Breno Hirayama
Carlos Roberto Campos
Cesar Paiva dos Santos Filho
Christophe Delalande
Eduardo André Cândido Silva
Fábio Batista de Oliveira
Gilmar G. da Cruz Maiola
Henrique Rozenfeld
Jorge Kenji Guenta Junior
José A. de Siqueira Junior
Juliano S. C. de Souza
Julio C. Rodrigues Eloi

Luiz Mieiro
Manuel Pais
Matthew Skelton
Nelson Rosamilha
Paulo Eduardo Vizzotto
Renato Miguel Tomaz
Ricardo Brigante
Roberta Lingnau
Robson Vieira
Wilson Guilherme

CONSELHO REVISORES

Andre Barcaui
Farhad Abdollahyan
Helio Rodrigues Costa
J. Angelo Valle
João Alberto Vianna Tavares
João Carlos Boyadjian
José B. de Souza Filho
Lélio Varella
Margareth Carneiro
Mario Henrique Trentim
Mauro Sotille
Peter Berndt Mello
Roberto Pons
Raphael Albergarias
Silvio A. C. Wille
Wantuir Filippe da Silva Jr.

INFORMAÇÕES

ISSN: 1807-8095

Emails:
assinaturas@mundopm.com.br
artigos@mundopm.com.br

Redes Sociais:
[linkedin.com/in/mundopm/](https://www.linkedin.com/in/mundopm/)

Nota: O conteúdo dos artigos é de responsabilidade dos autores.